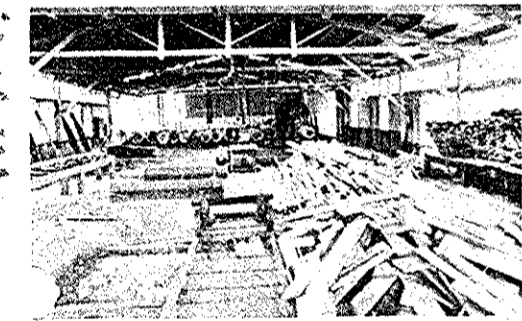


A MORTE DE KRETÃ UM BAQUE NA LUTA DOS ÍNDIOS

Foi assim a história: Já há três dias Kretã circulava pelas redondezas da reserva, acompanhado dos policiais. Provavelmente acuado pela presença dos jagunços, resolveu partir para o ataque e saiu peregrinando em busca dos jagunços. No dia do acidente ele deixou a reserva em companhia de dois policiais com um carro emprestado. Foi a Coronel Vívida, uma cidade entre Pato Branco e Mangueirinha. De volta, passou pela zona do meretrício e lá teve informações de que momentos antes estiveram ali três rapazes conhecidos como os "Pompeu". Muito depois Kretã e os policiais saíram em sua perseguição.

Adiante, na estrada, os três rapazes empurravam seu volks, pois o carro havia enguiçado (tinha problemas elétricos, como a pericia comprovaria mais tarde). Eles haviam deixado o prostíbulo quando perceberam a chegada do carro de Kretã. Nem o conheciam, mas tinham problemas com os policiais - a história de uma rica "liga com policiais daquela região dava bons motivos para evitar o encontro; por aquela região toda, convivendo com juras de morte, casos de tortura em delegacias perdidas no sertão, casos de mortes de lavradores e policiais, qualquer um sabe que a polícia jamais traz bom agouro.

Empurrando o carro na estrada, os rapazes se embrenharam no mato quando perceberam a chegada dos policiais. Kretã desceu do carro com a arma na mão e ao ver que fugiam, aceitou o conselho dos



A serraria da Funai

PMs: foram buscar reforço na reserva guarani, próxima do local. Encontraram mais um PM e voltaram ao lugar. Quando voltaram, já chegando ao automóvel estacionado, foram apanhados pelo caminhão, que tentava desviar do volks parado.

As condições em que ocorreu o acidente levantaram suspeitas seguidas e até um inquérito especial para levantar as denúncias de tocaia foi aberto. Mas só com o depoimento de um dos soldados (o "reforço") é que se soube: Kretã não tinha nenhuma animosidade com os rapazes, nem eles com Kretã. Soube-se também que o chofer do caminhão nunca havia estado por aquelas paragens, era de São Paulo. Difícil acreditar na tese da emboscada (pois não se embosca ninguém fora de seu trajeto, e não se embosca ninguém que está dirigindo um carro que não usa habitualmente - naquele dia, o carro de Kretã ficara na reserva).

Mas é fácil imaginar que se Kretã não morresse ali, morreria mais tarde, nas mãos dos jagunços. Afinal, cometera um pecado: colocara pedras no caminho de todos os poderosos que lhe cruzaram a frente.

Foi a partir de Kretã que se começou a questionar a segunda desgraça da reserva depois da chegada dos Slaviers: a construção da rodovia que corta a reserva de ponta a ponta em direção a Guarapuava; foi construída pelo ex-governador Paulo Pimentel, que por uma dessas coincidências da vida é sogro de um dos filhos de Slaviero.

Kretã era uma pedra também no sapato da Funai: denunciava insistentemente a presença na reserva de uma serraria do órgão que tirava a madeira dos índios sem lhes reverter nenhum benefício.

O maior pecado de Kretã, porém, foi ter feito com que os olhos do Brasil inteiro se voltassem para a esquecida Mangueirinha, através de suas denúncias nos jornais, sua participação em Simpósios que discutiam o problema dos índios, suas viagens a Brasília. No dia de sua morte, Kretã era uma notoriedade nacional. Até mesmo um membro das Nações Unidas telefonava querendo saber sobre sua morte.

Naquele dia, os velhos guerreiros kaingangs, seus filhos, as mulheres, as velhas, todos eles choraram aos uivos, com ensina a moda índia. Foi uma tristeza. Era fim de tarde e por certo o sol despencava novamente por trás dos grandes pinheiros quando baixaram Kretã na sepultura. Enterraram com seu caixão talvez o maior líder indígena do sul do Brasil. Enterraram um pedaço de suas lutas. Era um grande homem, Angelo Kretã. Conhecê-lo é conhecer uma parte da história dos índios. Vamos lá.

O espírito de Kretã passeia por Mangueirinha

Aqui no cemitério do Posto Indígena de Mangueirinha a vegetação rala começa a encobrir o mausoléu de Angelo Kretã. Choveu e a chuva trouxe brilho neste pedaço da reserva. Com um pouco de esforço é possível perceber a presença de Kretã pairando sobre isto tudo. Kretã está sentado à sombra de uma árvore, tomando chimarrão, como gostava. Ou à sombra de uma árvore fumando um cigarro de palha, envolvido por uma bruma fina de fumaça.

Aqui em Mangueirinha temos dois intrusos: a firma Slaviero e Funai, ele dizia sempre.

Dos Slaviers não precisa dizer por que reclamava. Da Funai reclamava porque levava a madeira dos kaingangs. Suas denúncias contra a presença da serraria na reserva chegaram a todas as partes do país. Instaladas em 76 para aproveitar as madeiras que caíam com o tempo, a serraria começou a comercializar a madeira, sem que os índios lucrassem com isso. Kretã reclamava e na Funai o chamavam de dinheirista.

Ele era vereador de Mangueirinha pelo MDB, o que demonstra que merecia respeito mesmo fora da reserva (quem o elégeram foram os brancos, pois índio não vota). Quatro anos depois de começar as denúncias, Kretã conseguia sua primeira vitória: a Funai passava a reverter os lucros em construção de casas novas na reserva.

- Tenho só o segundo ano do primário. Kretã está dizendo agora.

- Mas quero que nossos filhos estudem mais, para poderem defender o que é nosso.

- O índio pode se integrar à sociedade, mas jamais vai deixar a reserva. É uma questão de amor à terra.

Angelo Kretã começou a aparecer nos jornais a partir do conflito em Rio das Cobras, reserva indígena próxima de Mangueirinha, em 1978. Perto de 300 posseiros haviam penetrado a reserva guarani de lá. Os índios se juntaram, armaram-se e pintaram-se para a guerra. Poderiam ter ido à guerra realmente, mas o fato é que sua mobilização trouxe a Rio das Cobras altos figurões da Funai, tropas especiais da Polícia Militar e um final satisfatório para o conflito: os colonos deixaram as terras,



"Enquanto tiver vida num Kaingang, nós resistimo, peleamos por aquela a terra, ela é nossa (Kretã)"

onde tinham entrado com a complacência da Funai.

Em meio ao alvoroço de autoridades e jornalistas que se deslocaram para a região, a discussão sobre os problemas dos índios paranaenses ganhava espaço. Foi ali que os índios de Rio das Cobras levaram às manchetes uma discussão sobre sua presença na vida brasileira; eles reivindicaram o direito de serem brasileiros do jeito que são.

- Nós não usamos mais tangas, mas até os portugueses sabem que a gente ainda gosta de comer carne de caça, de pescar, de sentar à sombra da árvore e ser respeitado. Somos brasileiros e só queremos o que é nosso, dizia um índio guarani na época.

Foi ali também que Kretã mostrou-se um líder: graças a ele e Voia Patté, dos botocudos de Santa Catarina, conflitos mais sérios com os colonos foram evitados. Um líder diferente, é certo.

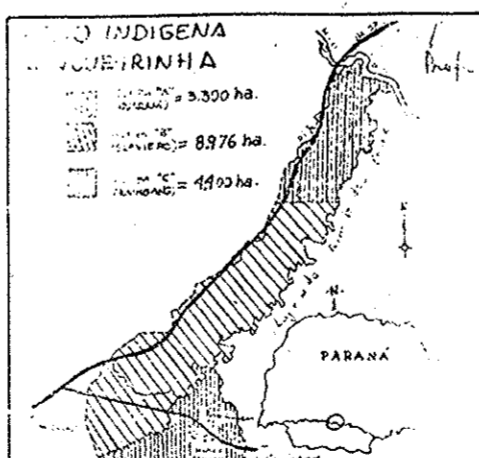
Ao falar sobre as forças com que poderia contar em caso de conflito (todos os kaingangs do Brasil), alguém lhe perguntava: Mas como você pretende chamar esta gente toda?

- Eu dou um grito e eles aparecem.

O grito de Kretã ressoa ainda neste cemitério. Dizendo que a tregédia dos índios vai continuar, se algo não for feito. Suba ao espaço com Kretã e passe o olho pelas reservas indígenas do Paraná. Difícil saber onde a situação é pior:



Ambrósio, discípulo de Kretã



- (1) O julgamento do litígio de Mangueirinha deveria ocorrer no começo do ano, mas foi adiado em função das férias coletivas em Brasília. Garante-se, porém, que ele será realizado antes de julho.
- (2) As informações contidas nesta matéria sobre as reservas indígenas do Paraná foram levantadas pela Associação Nacional de Apoio ao Índio - Anai. A Anai é uma entidade que busca aliar a opinião pública às lutas dos índios. Você também pode colaborar. Entre em contato com ela. No Paraná, funciona à rua Bom Jesus, 159, Cabral, CEP 80.000. Curitiba.

- P.I. Apucarana (é a reserva de Tamarana com 360 kaingangs e 6.300 ha de terra): os braços fortes são mão de obra barata para agricultores da região.

- P.I. Queimadas (em Ortigueira, com 87 kaingangs em 3.871 ha): há mais de um ano os índios deste posto não recebem medicamentos; recebem verba para lavouras coletivas mas o dinheiro é aplicado em lavouras individuais;

- P.I. Faxinal (em Cândido de Abreu, com 192 kaingangs em 2.098 hectares); terra redemarcada e devastada, onde os índios vendem artesanatos e fazem lavouras individuais para sobreviver;

- P.I. Ivaí (em Manoel Ribas, com 7.200 hectares e 500 kaingangs): não existe atendimento médico nem remédios há mais de um ano. Os índios são também bóias-frias.

- P.I. Guarapuava (em Guarapuava, 350 kaingangs, 17.020 hectares): terra redemarcada e recentemente 4.000 ha. foram queimados; sob alegação de que a área seria destinada à lavoura, a Serraria da Funai encarregou-se dos pinheiros que existiam. Os índios ou vendem artesanatos ou trabalham para o chefe do posto.

- P.I. Rio das Cobras (Em Laranjeiras do Sul, com 1.250 kaingangs e guaranis, em 16.800 hectares): área sob interdição militar desde a retirada pelos índios, em janeiro de 78, dos posseiros que ali se alojavam.

- P.I. Palmas (305 kaingangs em 2.944 ha em Palmas): seus pinheirais foram dizimados pela Funai e a terra redemarcada: os índios vivem de artesanato e roças individuais.

A situação na reserva de Mangueirinha (2) é um pouco diferente das outras, talvez um pouco melhor, pois os kaingangs de lá combateram sempre para resolver seus problemas.

O nível de integração dos índios com a sociedade "civilizada", porém, difere muito pouco das outras áreas. Ali em Mangueirinha é possível conferir algo que fora dos círculos especializados paira apenas como suspeita: o problema não está no índio, mas na sociedade a que ele está se integrando. E divisar também o que acontecia com os índios do Norte do Brasil, caso se repita lá o processo de colonização que ocorreu no Paraná.

Mangueirinha dá bem-vindo e abre seu clube ao povo

- Bem-vindos à Reserva Indígena de Mangueirinha.

A placa de boas vindas fica na margem que liga a rodovia asfaltada ao município de Mangueirinha. A reserva se espria em seu redor; à esquerda, o Posto da Funai, a escola (são quase 150 alunos), algumas casas recém-construídas: à direita, novas casas, a serraria, novos núcleos de casas, um campo de futebol e a mais nova aquisição dos kaingangs, o Clube da Reserva. Para ali afluem todo fim de semana os festeiros dos municípios vizinhos e, ao som de música sertaneja e velhos boleros, dançam toda a noite. Um testemunho final de que na aparência os índios são apenas colonos de origem índia (cultivam 1.000 hectares de milho, alguns são integrados a cooperativas, outros movimentam conta corrente em bancos da região). Na aparência apenas.

Dentro do espírito, parecem conservar o mesmo fascínio pelas coisas do "civilizado" e o mesmo sentimento de auto-

destruição que abocanha as pequenas comunidades que do dia para a noite vêm sua cultura estilhaçada, sua identidade arrebatada.

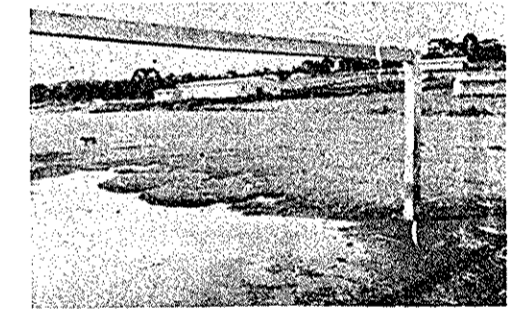
Alguns deles podem ser vistos perambulando bêbados pelas ruas das cidades vizinhas, fascinados pelas luzes e pela música. Outros podem ser vistos em casas de comércio, cumprimentados como respeitáveis agricultores de sucesso razoável.

Seu novo líder, Ambrósio, moço ainda, tido como discípulo direto de Kretã, assumiu a chefia da tribo há semanas - substituiu Genival, o homem eleito para o lugar de Kretã. Ambrósio não tem dúvidas sobre a continuidade de sua luta contra a presença dos Slaviers.

Longe dali, os guaranis da área se dispersam ao redor da rodovia, vendendo artesanato e construindo pequenas choças.

- Casa só serve para criar pulga, diz Agostinho, um índio guarani, a quem lhe pergunta porque as choças e não casas novas.

- Prá que eu vou querer casa? O branco não entende isto. Nem entende que existe muito a aprender com estes primeiros brasileiros, massacrados desde Cabral, com sua cultura de solidariedade relegada em nome dos bens decaídos da sociedade "civilizada". Em seu naufrágio ela parece querer levar consigo o que existir em volta. Uma viagem a Manguira deixa a qualquer um vislumbrar que toda a cultura indígena está sendo arrasada.



O Clube de Mangueirinha

Mas deixa-se vislumbrar também, no jeito manso de falar, na ternura dos olhos e dos movimentos do corpo, na espiritualidade que sua decadência preserva, no fascínio pelo novo, em sua negação ao trabalho que acumula riqueza mas que carece de sentido, em gestos pacaos como sentam à sombra de uma árvore, em tudo isso se vislumbra que nem tudo se perdeu. Mas que precisa ser resgatado. Este resgate, não resta dúvida, começa pela devolução da terra dos índios aos índios. Afinal, de quem é a terra?

Antes que Julho chegue, no salão do Tribunal Federal de Recursos, em Brasília, uma ponta da possibilidade de reintegrar ao índio seu valor primeiro, a terra, estará em jogo. Mais do que o direito da família Slaviero em transformar a floresta em madeira comercializável, muito mais que isso, o que se estará julgando são os últimos pedaços de dignidade de uma sociedade em defender o que sopra de melhor de nós mesmos brasileiros - os índios. É o direito à sombra de uma árvore, um direito que se precisa começar a reconquistar. Por tudo o que ele representa.

Diziam Kretã: - Dizem que o índio não sabe aproveitar o que tem. Estão errados. O índio só não é igual o branco que onde entra devora tudo. Os pinheiros de Mangueirinha não são nossos, são de nossos filhos e de nossos netos.

Julgue você